



Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.  
Amor é a lei, amor sob vontade.  
A palavra da lei é  
Θελημα

Anno Vviii

☉ in 28° ♀, ☾ in 0° ♃

*Dies Veneris*

18 de Abril de 2025 e.v.

*Colegiado dos Eremitas no Monte Abiegnus:*

*De Morte Sua Voluntaria Epistola*

*Sobre o Mistério do Autoimolado: Resposta à Soror Arcana Nox a respeito da Morte Iniciática no Novo Aeon.*

Ad Sororem Arcana Nox, Probationem A:A:.,

Soror dileta,

*Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

Recebo com reverência tua carta, na qual me perguntas sobre a natureza da morte simbólica no Caminho da Iniciação — e por que, no Aeon de Hórus, a morte não é mais o fim da vida, mas seu próprio núcleo. A pergunta é sagrada, pois aquele que questiona a morte prepara-se para renascer.

Desde tempos antigos, o símbolo da morte era o destino de Asar, o Senhor do Silêncio, dissecado pelos poderes do mundo. Na antiga fórmula, a morte era sofrida: imposta, cíclica, passiva. Mas no Aeon de Hoor, inaugurado com a visão do 22° aethyr de *Liber 418*, a Criança Coroada declara: *Como meu Pai vivia, que estava morto, assim Eu vivo, e jamais morreréi.*

Aqui a fórmula muda. O Iniciado não sofre a morte: ele a escolhe. Ele é o Autoimolado. Ele é o Escorpião que se fere no centro do círculo de fogo. Ele é o Ceifador que, portando a foice, se corta voluntariamente. Ele é Osíris que, em vez de ser morto, empunha a própria lâmina — como está representado no Atu XIII do *Tarot de Thoth*.

A primeira manifestação dessa fórmula ocorre já no grau de Neófito. Ao ser introduzido à Morte Ritual através de *Liber Pyramidos vel DCLXXI*, o aspirante

celebra, em si mesmo, a queda do velho mundo. Ali, a descida à Câmara do Centro é a entrada no túmulo; o juramento é a lâmina; e a Luz ao fim da escada é a semente de Hoor em seu coração. Como lemos em *Liber HHH*, seção MMM, o corpo está prostrado, e a mente silenciada: *Se tu morresses nesta hora, não estaria escrito: «Benditos os mortos que morrem no Senhor»?*

Mas esta morte não é moral, tampouco escatológica. Trata-se da desintegração da identidade profana. O Probacionista é Asar — o morto; o Zelator é Asar — despertando; o Adepto Menor é Asar-un-Nefer — *Eu mesmo feito perfeito*. E é por isso que, como ensina *Liber VII* (III:41 – *Scorpio Inter Ignem Inclusus*, i.e. *O Escorpião Cercado pelo Fogo: A Alma que se Autoaniquila*): *Minha própria alma morde a si mesma, como um escorpião cercado de fogo*.<sup>1</sup> Aqui não há mais movimento em direção a algo. Há circunvalação. A alma, encurralada pela Luz que ela mesma invocou, percebe que não há saída. Toda tentativa de fuga seria trair a Vontade. Assim, ela se recolhe, volta-se sobre si mesma, e consuma o gesto supremo: autotransfigura-se. O escorpião não morre por desespero — ele se mata porque compreende que esse gesto é a única afirmação final de sua liberdade. Este é o instante da Liberação sem retorno, o fim da dualidade entre o servo e o Senhor.

Essa imagem alquímica remete ao *Rosarium Philosophorum*, onde Mercúrio — símbolo da alma — se mata e ressuscita de si mesmo. A verdadeira iniciação começa quando essa ferida é voluntária. O *Autoimolado* não é mártir, mas Sacerdote. Em *Liber LXV* (IV:28–29 – *De Somno Sacro et Exhaustione Gloriosa*, i.e. *O Sono Sagrado e a Exaustão Antes do Êxtase*), o mesmo estado é descrito como exaustão abençoada: *O corpo está cansado, e a alma está profundamente cansada, e o sono pesa sobre suas pálpebras; mas ainda subsiste a certeza do êxtase*.<sup>2</sup> Esse sono não é torpor, mas gestação. A alma repousa na câmara do túmulo porque prepara-se para ser a Criança. O cansaço aqui é ritual, não biológico. É o cansaço do que percorreu todos os degraus e, ao fim, não encontrou trono — mas um leito vazio sob as estrelas. Essa exaustão é a bem-aventurança dos que cruzaram o Abismo e não trazem mais nome. O sono é a quietude que antecede a Revelação. É a serenidade inviolável de quem já se ofereceu por completo e agora repousa — não por desejo, mas por Lei.

Na prática, essa operação é conduzida por *Liber Yod*, onde o aspirante, um *Dominus Liminis*, aprende a reduzir sua consciência a um único ponto — e depois, a dissolvê-la. Ali se renuncia ao bastão para encontrar o *Sangraal*. É a

---

<sup>1</sup> Esta é uma autêntica parábola do *Autoimolado*. O escorpião é tradicionalmente um símbolo da morte iniciática em sua forma mais radical — ele se mata quando cercado. No contexto do *Liber VII*, ele representa a alma iniciada que, confrontada com o cerco do Fogo da Verdade, não foge, não resiste, mas se consome — gesto que antecede a regeneração. Alquimicamente, é o fogo da calcinação interna. Astrologicamente, remete à manifestação inferior e superior de Escorpião: destruição e transfiguração.

<sup>2</sup> A passagem retrata o momento em que o corpo e a alma alcançam o limite do esforço — e é justamente neste ponto que se insinua o êxtase prometido. Trata-se da tensão alquímica entre *solve* e *coagula*, onde a inação se torna o portal da transmutação. O *sono* não é fuga, mas suspensão dos movimentos do Ego; é Binah envolvendo o Adepto antes da revelação.

serpente que se come. É a destruição do Ego enquanto ato mágico. No plano simbólico, a letra atribuída à Morte é *Nun* (𐤊), cujo valor é 50 — os Portões da Morte em *Liber 418*. *Nun* é Escorpião, o signo da transmutação. Na tradição esotérica da A·A·:, como elucidado em *Liber Aleph*, a serpente, o escorpião e a águia são aspectos simbólicos do processo de dissolução iniciática. Eles representam, respectivamente, a sabedoria, a morte voluntária e a transfiguração espiritual. Esses símbolos convergem no grau de Mestre do Templo, onde o bastão do Adepto — sua vontade formal — é lançado nas Águas de Binah para ser dissolvido e reconstituído na Taça do Sacramento.

A Águia representa o magista que transforma veneno em visão. Por isso, o grau de Mestre do Templo, regido por Binah, é a consumação desta fórmula. Ali, o Voto é ser *autoimolado* — não por sofrimento, mas por Amor. Como está em *Liber Cheth, Verso 9: Tens saúde; mata-te na febre de tua entrega à Nossa Senhora*.

O símbolo final é a Taça. Aquela que verte. O Atu XIV — *Arte* — mostra essa transmutação. O Adepto mistura sua morte e sua vida, seu Ego e seu vazio, seu vinho e seu veneno — até não restar senão o que é puro: a Criança.

E como ensina *Liber AL vel Legis* (II:66): *Freme com a alegria de vida & morte! Ah! tua morte será linda: quem a ver se alegrará. Tua morte será o selo da promessa do nosso anciente amor*.

E por fim, retornamos à Cidade das Pirâmides, onde os Magos dormem sob as estrelas. Como diz *Liber 418*, no 15º *aethyr*: *Este é o sacramento da Taça: que tu não retenhas uma gota, mas sejas consumido*. Aqui não há oferenda parcial. O Voto é total. Nenhuma parte do ser pode permanecer coagulada, nenhuma reserva da personalidade sobrevive ao vinho da Estrela. O que resta, então, é um estado de quietude ardente: o Mestre do Templo, tendo se consumido, torna-se a própria substância do Sacramento.

Vê o mistério?

Estas três parábolas, juntas, formam a tríade do Silêncio Transfigurado: a Taça que se esvazia (*Liber 418*), a Alma que se consome (*Liber VII*), e o Corpo que descansa (*Liber LXV*). E é nesse Silêncio que o Aeon se consuma: não na guerra, mas na oferenda. Não no grito, mas na vigília. Não na conquista do mundo — mas na aceitação pura do Sol que nasce no coração sem centro.

Que esse Silêncio te encontre, Soror. E que nele tua Vontade ressoe.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

Fraternalmente,

Frater AHA-ON 777 :: 8°=3°  
*Praemonstrator do Outer College Brasil*